

gi
grande
investigação
DN

AS RAÍZES DA MAÇONARIA: O DÉBATE

Maçons reivindicam privacidade

Discussão. O presidente da maior organização mundial da franco-maçonaria liberal considerou disparatada a proposta de os políticos serem obrigados a declarar se são maçons e a hipótese de os juizes nem sequer o poderem ser. António Reis mostrou-se ainda desagradado por José Moreno, grão-mestre da GLLP, ter dito que o GOL se mete em questões partidárias. Já o professor José Eduardo Franco acredita que "o poder da maçonaria é mais mítico do que real"

RUI PEDRO ANTUNES

"Um disparate." Foi desta forma que António Reis, ex-grão-mestre do Grande Oriente Lusitano (GOL), classificou a proposta de obrigar os políticos a declararem se são maçons e de proibir os juizes de pertencerem à maçonaria. O presidente da maior organização da franco-maçonaria liberal (CLIPSAS) falava ontem no debate sobre "A Maçonaria em Portugal", que fechou a Grande Investigação que o DN realizou sobre o tema.

António Reis exigiu "direito à privacidade", reagindo às propostas do deputado Carlos Abreu Amorim e do juiz António Martins reveladas no trabalho. No sábado, o vice-presidente da bancada do PSD defendeu no DN que os deputados devem ser obrigados a colocar no registo de interesses que pertencem à maçonaria. Mais longe foi o presidente da Associação Sindical dos Juizes Portugueses, que, no domingo, considerou "incompatível" que um juiz seja maçom (ver página 8).

O debate — moderado pelo director do Dinheiro Vivo, André Macedo — realizou-se no Auditório do DN, em Lisboa. Contou com diversos maçons e interessados na assistência e teve ainda como orador o historiador e ensaísta Eduardo Franco, que estudou instituições maçónicas no âmbito da obra *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*.

ASSISTÊNCIA

Lotação esgotada no auditório

O debate de ontem foi dos mais concorridos do DN desde que foi lançado o projecto da Grande Investigação. Já no extenso dossier sobre "O estado a que o Estado chegou", o DN tinha sido forçado a recusar inscrições por o auditório estar lotado. Desta vez aconteceu o mesmo e, ainda assim, muitas foram as pessoas não inscritas que acorreram ao edifício do DN. Não só o auditório encheu como o DN teve de disponibilizar parte do espaço onde

A influência da maçonaria foi um dos assuntos consensuais entre os oradores. Eduardo Franco defendeu que o poder da organização é "mais mítico do que real". Uma ideia corroborada por António Reis, que garantiu que, em matéria de influência, "a maçonaria tem mais fama do que proveito". Sobre a relação entre política e maçonaria, o ex-grão-mestre do GOL apro-

veitou para se mostrar desagradado com as declarações do grão-mestre da Grande Loja Legal de Portugal (GLLP), José Moreno, que disse ontem em entrevista ao DN que uma das grandes diferenças entre a sua obediência e o GOL é que a GLLP não se mete em "questões partidárias". Reis garante que "ambas as obediências são completamente independentes", acrescentando que "o facto de existirem diversos socialistas no GOL, não significa que o PS controle a obediência".

Segredos revelados

À excepção dos números avançados pelo DN no domingo, não existiam informações públicas sobre o valor das quotas do GOL. No entanto, ontem o ex-grão-mestre revelou aquele que é um dos muitos segredos da "ordem iniciática". De acordo com António Reis, cada maçom contribui com cerca de 25 euros mensais para a obediência, o que multiplicado pelos mais de dois mil membros do GOL significa que as quotas rendem 600 mil euros anuais.





1. O presidente do Conselho de Administração da Controlinveste, Joaquim Oliveira, à conversa com o ex-grão-mestre do Grande Oriente Lusitano António Reis, no final do debate que se realizou no Auditório do 'Diário de Notícias', em Lisboa
2. O director do 'Diário de Notícias', João Marcelino, e a directora adjunta, Filomena Martins, assistiram ao debate na primeira fila
3. O Auditório do DN encheu-se para ouvir o debate sobre a Grande Investigação à maçonaria em Portugal. Muitos dos leitores que se dirigiram ao edifício do DN não conseguiram lugar e tiveram de ser reencaminhados para a galeria, onde assistiram em directo ao debate, através de uma tela

4. Os oradores do debate José Eduardo Franco (historiador e ensaísta) e António Reis (à direita) com o moderador André Macedo, director do Dinheiro Vivo (ao centro)

Outro dos "segredos" revelados por António Reis refere-se a parte do inquérito de admissão feito aos "candidatos", quando tentam entrar na maçonaria. "O que pensa do aborto ou da eutanásia são, normalmente, algumas das questões que constam do inquérito. E não há uma resposta politicamente correcta, a decisão tem por base uma boa argumentação", desvenda o ex-deputado e fundador do PS. Lembrou ainda um requisito que o DN havia avançado na investigação: "Para alguém ser maçom tem de ter o cadastro limpo." Admite, no entanto, que já existiram casos em que "a selecção falhou", daí que defenda "critérios rigorosos de admissão na maçonaria".

O ataque do PCP

Ao longo do debate, o professor José Eduardo Franco defendeu a ideia de que há propensão da sociedade para desenvolver

“
Até o próprio PCP dá credibilidade aos 'Protocolos do Sião'”

ANTÓNIO REIS
EX-GRÃO-MESTRE DO GOL

"teorias da conspiração" relativamente à maçonaria. O mesmo foi partilhado por António Reis, que lembrou que algumas das desconfianças partem de teorias como *Os Protocolos dos Sábios do Sião* (mistificação anti-semita dos finais do século XIX), não deixando de dirigir farpas ao PCP. "Parece que até o próprio PCP dá credibilidade aos *Protocolos do Sião*, pois saiu um artigo no *Avante!* que dá cobertura às conspirações", acusa. O maçom referia-se a um artigo publicado no início de Novembro no jornal oficial do PCP, assinado por Jorge Messias, intitulado de "A máquina da morte e da utopia".

A relação com a Igreja

Quando o debate evoluiu para as relações entre maçonaria e Igreja Católica, o investigador Eduardo Franco admitiu que a aproximação entre ambas as entidades é dificultada pela "complexa estrutura da

CONVIDADOS

As ausências do painel

O debate sobre "A Maçonaria em Portugal" tinha inicialmente quatro convidados, entre os quais o ex-grão-mestre da Grande Loja Legal de Portugal e presidente do OSCOT (Observatório da Segurança, Crime Organizado e Terrorismo). José Manuel Anes teve, no entanto, problemas de saúde que o impediram de estar presente. Outro dos convidados que acabaram por não marcar presença foi o deputado do PS e maçom do Grande Oriente Lusitano (GOL) João Soares, que devido a compromissos no Parlamento não conseguiu deslocar-se ao edifício do *Diário de Notícias*. O DN convidou igualmente outros oradores e personalidades da maçonaria para assistir ao debate, mas dezenas recusaram ou faltaram em cima da hora. Mesmo assim, o auditório encheu.

Igreja" e pelo facto de a Igreja defender que "o cristianismo é uma religião superior às outras", o que não se coaduna com os princípios maçónicos da igualdade.

Já António Reis lembrou que no passado existiram maçons no clero. Aproveitou ainda para explicar o conflito gerado entre maçonaria e Igreja a propósito dos ritos maçónicos, aquando do funeral do ex-presidente do Tribunal Constitucional Luís Nunes de Almeida, que motivou críticas do cardeal-patriarca de Lisboa à maçonaria.

Reis lembrou que era vontade de Nunes de Almeida "que a sua cerimónia fúnebre decorresse no Palácio Maçónico, mas uma vez que era um funeral de Estado, o presidente da República quis que se realizasse na Basílica da Estrela". Nesse sentido, "foi encontrada uma solução de consenso, em que se realizava uma cerimónia maçónica na basílica, antes do funeral de Estado". O ex-dirigente do GOL garante que a Igreja autorizou o ritual, não compreendendo a reacção de D. José Policarpo.

AS RAÍZES DA
MAÇONARIA:
O DEBATE

gi
grande
investigação
DN

'O Estado da Saúde' lançado dia 29

É já no próximo dia 29 que será lançado o terceiro livro da equipa de investigação do DN. *O Estado da Saúde* será apresentado no El Corte Inglés, em Lisboa, às 18.30. O livro conta com o prefácio da ex-ministra da Saúde e presidente do PS, Maria de Belém Roseira. Consiste na compilação da investigação publicada no *Diário de Notícias* entre os dias 1 e 5 de Julho. Resulta de mais uma parceria com a Gradiva.



"A maçonaria não está estruturada como central para a tomada do poder"

A maçonaria é, apenas e só, uma associação que visa o "aperfeiçoamento moral e espiritual dos seus membros". Tudo o resto ou são teorias da conspiração ou são actos isolados dos seus membros que não podem comprometer toda a classe dos maçons. Foi esta a principal mensagem que o ex-grão-mestre do Grande Oriente Lusitano António Reis procurou passar ontem durante o debate da Grande Investigação do DN sobre a maçonaria. O ex-responsável máximo pela maçonaria irregular não deixou passar, contudo, algumas das questões mais polémicas reveladas nos últimos dias pelo DN. Como, por exemplo, a ligação dos juizes à maçonaria. Para o presidente da Associação Sindical dos Juizes, o desembargador António Martins, tal associação é incompatível, tendo em conta o dever de imparcialidade do juiz perante o acto de julgar alguém. Os magistrados judiciais, em 2009, aprovaram um Compromisso Ético que aconselha a não filiação em organizações do tipo da maçonaria. "O documento parte de um preconceito contra a maçonaria", afirmou António Reis, acrescentando que os seus membros "não estão sujeitos a uma obediência a uma determinada entidade, mas, pelo contrário, existe uma liberdade de consciência". Ou seja, para o antigo grão-mestre não há nenhuma incompatibilidade entre ser juiz e maçom. "Nós não somos uma associação secreta que comanda os seus membros", enfatizou António Reis, sublinhando que "nenhuma obediência está estruturada como central de comando para a tomada de poder". António Reis foi ainda confrontado com as suspeitas levantadas pelo empresário Henrique Neto sobre as solidariedades maçónicas no Parlamento, que, no seu entender, condicionavam os deputados do PS nas comissões parlamentares de inquérito. "O meu amigo Henrique Neto sempre revelou uma hipersensibilidade maçónica", referiu Reis, desvalorizando as palavras do seu antigo colega da bancada socialista. Sempre na linha de minimizar polémicas, António Reis revelou que, em 2004, a cerimónia maçónica no funeral do então presidente do Tribunal Constitucional, Luís Nunes de Almeida, cujo corpo se encontrava na Basílica da Estrela, em Lisboa, foi realizada de comum acordo com a Igreja. "Foi através da Casa Civil da Presidência da República que se chegou a um acordo", contou, uma vez que Luís Nunes de Almeida era a quarta figura do Estado.

CARLOS RODRIGUES LIMA

PERFIL

ANTÓNIO REIS

- Ex-grão-mestre do Grande Oriente Lusitano (GOL)
- Tem 65 anos
- É professor universitário e foi deputado do PS

“

Também há membros jornalistas. Alguns tornaram-se melhores depois de entrarem para a maçonaria. Avaliamos as pessoas não pelas suas posições mas pela forma como argumentam”

ANTÓNIO REIS

EX-GRÃO-MESTRE DO GOL



"Surgiu para afirmar um novo modelo de sociedade e fechou-se para se proteger"

Não se pode perceber a maçonaria e os seus ideais se não se lerem muitos documentos históricos. José Eduardo Franco, investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, criticou deste modo todos os que se referem a esta organização secreta sem conhecer as suas origens. O especialista começou por explicar que, no século XVIII, o surgimento da maçonaria "foi uma tentativa de afirmar um novo modelo de sociedade, uma utopia que entrou em conflito com o sistema vigente". E foi nesse contexto que os maçons se fecharam, numa clara tentativa de se protegerem "dos que tinham um pensamento diametralmente oposto". Sobre a colagem da maçonaria a uma associação que privilegia as influências políticas e económicas, Eduardo Franco garantiu que essa etiqueta está errada. "É um facto que ali dentro se discutem ideais, surgem ideias e num ambiente assim é normal que haja algumas situações. Mas não vou generalizar..."

Após uma intervenção de António Reis, a sublinhar que a maçonaria é livre e aberta, Eduardo Franco aproveitou para salientar que "em Portugal se cria em determinadas áreas a ideia de um poder mítico que é mais mítico do que real". Com isto quis alertar para o facto de a maçonaria não ter tanto poder como aquele que geralmente lhe é atribuído pelo senso comum. Referindo-se sempre a dados históricos antes de tecer um comentário, o especialista preferiu não falar da influência que alguns maçons têm hoje na sociedade portuguesa: "O mais importante de tudo é ler a história e acabar com a procura pelo obscuro. Como já referi, podem e devem existir casos particulares de influência, aos quais não me poderei referir neste momento com rigor." Outro dos temas que mais discussão provocaram foi a rivalidade entre as várias obediências. Sobre isto, Eduardo Franco foi mais claro. "Existem, como em todo o lado, vários mitos e ideais, e talvez daí tenham surgido algumas divergências. Mas não posso considerar que exista uma rivalidade, na verdadeira acepção da palavra", salientou. Para este investigador, a maçonaria tem levado a cabo um árduo trabalho – na área da educação e das preocupações filantrópicas – muito importante para os portugueses. Os últimos anos têm ainda servido para estreitar relações com a Igreja Católica: "Hoje há, mais do que um conflito, uma compaginação. Não há nenhum confronto entre os católicos e os maçons", concluiu Eduardo Franco.

CARLOS DIOGO SANTOS

PERFIL

JOSÉ EDUARDO FRANCO

- Investigador da Universidade de Lisboa
- Tem 42 anos
- Obteve o grau de doutoramento em Paris

“

Para perceber o que é a maçonaria, o mais importante é ler a história e acabar com a procura pelo obscuro. (...) Podem e devem existir casos particulares [de influência], mas não devemos generalizar”

JOSÉ EDUARDO FRANCO

INVESTIGADOR